

# Possíveis mudanças na Vida Eremitica realizadas por Roma em 2022

EREMITA IRMÃ GEMA MARÇO 4, 2022 INICIANTES

Se quiser ver o vídeo sobre esse assunto acesse ao canal:

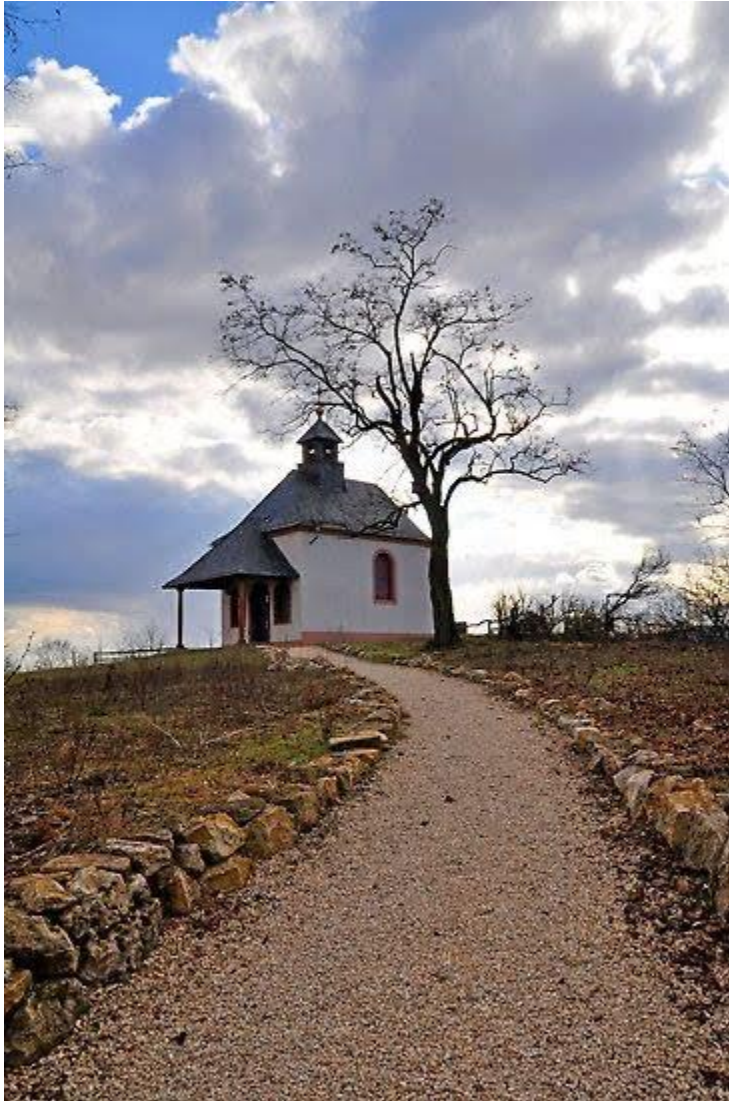
<https://www.youtube.com/c/VidaErem%C3%ADticalrm%C3%A3Gema/videos>

Fonte Original:

[https://es.aleteia.org/2022/02/26/por-primera-vez-roma-da-orientacion-a-los-ermitanos/?fbclid=IwAR3J\\_qYWB3MlGyx0tH2jio8zjot1\\_2C1NVKdibruPcSQTSUCeHMqr1F88to](https://es.aleteia.org/2022/02/26/por-primera-vez-roma-da-orientacion-a-los-ermitanos/?fbclid=IwAR3J_qYWB3MlGyx0tH2jio8zjot1_2C1NVKdibruPcSQTSUCeHMqr1F88to)

**Traduzido pelo Google- Caríssimos Irmãos e Irmãs gostaria de comunicar que devido a falta de tempo não pude traduzir os dois artigos abaixo se alguém sugere uma tradução melhor enviar o artigo Traduzido para [gemaeremita@gmail.com](mailto:gemaeremita@gmail.com) (Em geral não respondo mensagens e dúvidas, apenas recebo, se tiver intuição as vezes respondo Deus lhes pague)**

## Pela primeira vez, Roma orienta eremitas



.No século 20, há um evidente reaparecimento de eremitas. Por isso, Roma decidiu regular o fenômeno dando orientações para aqueles que aspiram a uma vida de oração e isolamento.

O silêncio da solidão

Dado que nestas últimas décadas houve um ressurgimento dos eremitas, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica publicou o primeiro documento oficial dedicado a esta vocação particular vivida no “silêncio da solidão”. O texto, publicado em 14 de dezembro de 2021 e, por enquanto, apenas em italiano, em breve será divulgado em francês pelo Dicastério, segundo o IMedia.

## Alguma história

Embora difundidos nos primeiros séculos, os eremitas haviam desaparecido dos meandros da história. Seu reaparecimento no século 20 foi recebido com alguma confusão legal, segundo uma fonte do Dicastério para a Vida Consagrada. O documento *Ponam in deserto* vem (“Farei um caminho no deserto”, Isaías 43:19) vem, portanto, regular o fenômeno ao fornecer algumas diretrizes.

Com base nos testemunhos de notáveis eremitas, a Congregação vaticana desenvolve em 46 parágrafos o único cânone do código de direito canônico que lhes seria dedicado até agora (n. 603). A revista *Vies Consacrées* já propõe uma tradução para o francês –

não oficial– deste texto escrito para a atenção dos bispos, referentes dos eremitas, a quem estes devem “respeito e obediência filial”.

## O equilíbrio psicoafetivo do eremita

Roma esbanja seu conselho para discernir a adequação do candidato à vida eremita, que deve ser capaz de resistir às “provas” da solidão. Entre as recomendações estão: tempo de treino e atenção à saúde, maturidade e equilíbrio psicoafetivo. Sem esquecer de verificar a situação do seu registo judicial, civil, criminal e canónico.

O eremita não foge do mundo “por medo ou desprezo”, especifica o texto, mas com sua vida isolada luta contra a “vã glória”. Não é a sua “subjetividade”, mas a busca do “único necessário” que dá sentido à sua ascese composta de oração, castidade, jejum, sobriedade e penitência.

## Organização ordenada

A Santa Sé pede aos eremitas uma organização ordenada do dia e do trabalho, descanso adequado e alimentação suficiente e moderada.

A Santa Sé pede aos eremitas “uma organização ordenada do dia e do trabalho, descanso adequado e alimentação suficiente e moderada”. Além disso, pede elementos precisos em um “programa de vida” pessoal, que deve decidir, entre outras coisas, sobre o local de aposentadoria, os meios de comunicação, de subsistência e seus cuidados de saúde.

Embora seja impossível saber o número de eremitas católicos no mundo, sabe-se que algumas dioceses, como as do sul da França, atraem mais do que outras. A sua escolha radical, sublinha o documento do dicastério, recorda à humanidade “que é belo permanecer só em Deus”.



## **Segue Agora o documento do sínodo dos eremitas realizado na Itália**

Fonte original :

<https://www.avvenire.it/agora/pagine/chi-sono-gli-eremiti-in-italia>

Ermida de Sant'Ilarione na Calábria -.

Os eremitas italianos também estão se preparando para o Sínodo de 2023 e estão organizando seu encontro sinodal específico que provavelmente acontecerá em Roma em maio de 2022. Um momento

para rezar juntos, meditar e compartilhar a relação pessoal com Deus que o eremita normalmente vive na solidão e em silêncio. Um passo essencial neste caminho foi a terceira convenção nacional de eremitas que aconteceu no final de setembro no Santuário da Addolorata em Castelpetroso, em Molise, promovida pelo arcebispo de Campobasso-Boiano Giancarlo Maria Bregantini. Mas quem são os eremitas? O nome vem da palavra grega “eremos”: deserto.

Tecnicamente, portanto, são eles que se retiram para o deserto. Os eremitas fazem um deserto em seus corações para poderem viver a intimidade com Deus. Uma escolha aparentemente extrema de vida religiosa e espiritual, mas o interesse por eles está crescendo em termos de atratividade, mesmo entre os jovens, bem como sua presença. A Igreja está se espalhando, ainda que lentamente, tanto na Itália como no mundo. Tanto que, depois de um longo período de “observação do fenômeno”, a Congregação vaticana para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica decidiu elaborar um documento específico para regular a forma de vida eremítica. Documento que já deve estar próximo da publicação.



Encontro de Eremitas na Itália

**Cuidado, porém, para pensar que os eremitas de hoje correspondem à ideia que sempre fez parte do imaginário coletivo: seres solitários de cabelo raspado, barba longa e hábito remendado, na moldura de uma caverna ou de uma antiga ermida localizada em uma falésia ou na mais acidentada das montanhas.**

Primeiro porque, como sempre, há homens e mulheres, depois porque a do eremita é uma condição de silêncio, solidão, oração e ascese que pode ser vivida num apartamento na cidade como numa casa



rural e em todo o caso nunca na solidão perfeita porque ser eremita, hoje mais do que nunca, também significa tornar-se uma referência de escuta, partilha e acolhimento. Além disso, o eremita é muitas vezes uma pessoa que se sustenta com o seu trabalho ou, se for sacerdote, com o exercício do ministério sacerdotal. Isso também está na tradição, mas às vezes, hoje, pode significar fazer o trabalho “civil” normal fora da ermida (de acordo com a orientação e conselho do Bispo) depois de se levantar muito cedo para o Ofício Monástico de Orações, e retorno ao retiro e ao silêncio da ermida à noite, uma vez terminado o trabalho. Há eremitas, homens e mulheres, que acrescentam pequenos artesanatos à ajuda fundamental da Providência: há os alfaiates, os que esculpem e esculpem a madeira. Há alguns que fazem ícones, que produzem e vendem conservas, que cultivam e vendem produtos da sua própria horta, que muitas vezes é o primeiro sustento do eremita.

## A regra

A urgência de uma nova e mais detalhada codificação da forma de vida eremita, que contemple, promova e facilite seus múltiplos significados, foi discutida na recente conferência que os eremitas italianos viveram

em Castelpetroso, na qual cerca de quarenta deles de várias regiões do Itália (os eremitas de várias maneiras pesquisados em nosso país já ultrapassaram trezentas unidades, mas considerando as pessoas que vivem estilos semelhantes de silêncio, solidão e oração facilmente ultrapassa meio mil) eles se encontraram para discutir sobre o tema “A sopro de Deus e a terra fez um jardim”.

**Atualmente a vida eremita na Igreja é reconhecida pelas poucas linhas do Cânon 603 do Código de Direito Canônico. Cânon que no ponto 2 afirma: “O eremita é reconhecido por lei como dedicado a Deus na vida consagrada se ele professar publicamente os três conselhos evangélicos (pobreza, obediência e castidade, ed), confirmando-os com um voto ou outro vínculo sagrado na mãos do Bispo diocesano e sob sua orientação observa o programa de vida que lhe é próprio”, isto é, a Regra que ele mesmo deu e que o próprio bispo aprovou. Imediatamente antes, no ponto 1, o Cânon, referindo-se à lógica dos Padres do deserto, amplia o conceito de eremita e explica que “a Igreja reconhece a vida eremita e anacoreta com a qual os fiéis, numa separação mais rigorosa**

**do mundo no silêncio da solidão, na oração e na penitência assíduas, dedicam a sua vida ao louvor de Deus e à salvação do mundo».**

Em Castelpetroso, só para deixar claro, houve ambos, inclusive alguns religiosos e alguns sacerdotes, religiosos e diocesanos, que de acordo com seus superiores ou com seu bispo (inclusive o de qualquer nova diocese que os acolheu) escolheram viver sua chamando em uma dimensão de ancoragem. o tema da conferência, como dissemos, foi um tema em perfeita sintonia com as grandes referências da encíclica “Laudato si’” “Laudato si’” e com a urgência ambiental que todo o planeta vive, mas também com a própria essência da escolha eremita feita da oração, da Palavra de Deus, da dimensão trinitária. Porque os eremitas, na humildade que vem do amor, como foi dito repetidamente em Castelpetroso, ouvem e vivem em silêncio para se tornarem ouvintes de Deus e depois tornarem-se ouvintes do homem. Tendem, sobretudo, ao encontro com Deus e depois ao encontro com o homem.

A conferência

Eu escuto, portanto, e acima de tudo. Eu escuto com base no Shemà Israel, que está na raiz não apenas de todo chamado religioso, mas da vida de cada batizado. Ouvir a voz de Deus e, portanto, o sussurro e a beleza da criação. Ouvindo e compartilhando. E foi Dom Bregantini, nos três dias de Castelpetroso, quem sublinhou a característica sinodal da conferência, definindo-a “um pequeno caminho sinodal específico”, colocado na linha indicada pelo Papa Francisco em preparação para o Sínodo Mundial de 2023. problemas relacionados com esta escolha vocacional, que é também uma prática de vida que em certos contextos, numa certa idade e muitas vezes também para quem não tem uma fonte segura de sustento (especialmente as mulheres), pode ser complicado.

Após o primeiro dia de encontro, oração e partilha, o próprio Monsenhor Bregantini abriu os trabalhos no dia seguinte com uma reflexão bíblica sobre o estilo eremita do profeta Elias. À tarde foi a vez da mãe Mirella Muià, freira eremita em Gerace, com um aprofundamento sobre o primeiro capítulo do Gênesis e sobre os conceitos de luz, sopro, voz, palavra, em busca daquele brilho que emerge da noite primordial

e esse sopro divino que torna nossa vida algo único e irrepetível, à Sua imagem e semelhança. E se o sopro de Deus está em mim e está em cada ser humano, destacou Muià, também posso estar no topo de uma montanha ou em uma ilha deserta, mas estou e continuo em relação, em comunicação. O sopro que há em nós continua a ser recebido na escuta da Palavra, naquele Escuta Israel que não é uma ordem, mas é oração: «Como se dissesse; torna-se o que você ouve». Em suma, “o silêncio fala e sua escuta deve ser exercitada. O sopro das pessoas, como o de Deus, fala e somos chamados a ouvi-lo “porque é nesse sopro que nos é mostrado o rosto de Deus.

As outras duas intervenções-meditação foram confiadas à psicóloga da comunicação Lidia Curcio da comunidade Missione Chiesa Mondo com um relatório sobre o tema “Silêncio e comunicação” e ao biblista Dom Michele Tartaglia que estudou a figura da profetisa Anna. Em particular, Lidia Curcio reafirmou a ligação entre o silêncio e a Palavra. Citando o capítulo 27 de Sirach nos versículos 4-7, “quando um homem reflete suas falhas aparecem para ele ... a prova do homem está em sua conversa ... não elogie um homem antes que ele tenha falado, pois este é o teste

dos homens”, destacou que “a palavra certa vem do silêncio assim como o silêncio certo vem da intimidade com a Palavra. Nesse sentido, o silêncio é o lugar onde aprendemos a lidar com nós mesmos”.

Uma provocação para o nosso tempo



A palavra eremita, repetimos, significa “deserto”. No Oriente identificava-se com o verdadeiro deserto, feito de areia, pedra e aridez. No Ocidente, por outro lado, o conceito entrou em união natural com os da floresta, das montanhas, de natureza impermeável. A outra palavra com a qual a vocação eremita sempre foi indicada é “anacoreta”, do grego “anachoretēs”, derivado de “anachorein”, “retirar”. Eremita, portanto, é aquele que se retira para o deserto e... para o silêncio. Porque até o “silêncio” é uma característica fundamental. O eremita “se retira”, “se retira” do barulho que dispersa para poder escutar em silêncio o sopro primevo de Deus encerrado no coração, que é vida que “recolhe”, que “avança”, mas também em a natureza que o cerca.

Palavras que entram em franco contraste com as junções críticas desse momento histórico particular que se manifestam no barulho, na aglomeração, nas insistentes referências à virtualidade, nas muitas hipocrisias ambientalistas, na dispersividade das relações, nas incertezas quanto ao papel no mundo e da humanidade do que do único indivíduo. Mas talvez seja pela soma dessas palavras e pela radicalidade que as caracteriza que compreendemos as razões



pelas quais a vida eremítica voltou a pulsar fortemente na Igreja e a caracterizar com um novo significado muitas opções religiosas que viram desaparecer as motivações vocacionais originais. . . Nesta situação atual há necessidade, em muitas pessoas e especialmente em muitos jovens, de uma adesão radical à fé e no eremita, evidentemente, vêm-no capaz de encarná-la.

A este respeito, vem à mente um texto de Dom Tonino Bello (Orações, São Paulo 2001) que começa com estas palavras: «O deserto te desnuda. Reduz você ao essencial. Isso te desconstrói. Isso priva você do guarda-roupa. Tira as roupas que até então considerava absolutas, e te faz entender que sua identidade vai muito além das librés de pertencimento. Em suma, faz você se sentir pobre. Como um alforje vazio ». Em suma, é o deserto pretendido como despojamento de toda superestrutura inútil e sufocante para alcançar a essencialidade de nós mesmos, um pouco do modo emblemático de um jovem como São Francisco de Assis. A pureza é a presença de Deus em nossos corações : o sopro em nós do sopro da criação, esse sopro divino que torna humano o que, como qualquer

outro elemento da criação, vivo ou não, não passa de simples poeira.

Se o eremita está em sintonia com os tempos

Em tal cenário, pode-se até dizer que o eremita cavalga as notícias. O paradoxo de sua escolha extrema oferece uma resposta concreta à crise de sentido e papel que o Ocidente vive: por um lado, dispersão, conflito e incompreensão, por outro, inclusão, aceitação e compreensão. O eremita (silenciosamente) exemplifica em sua escolha de vida o que (mesmo nas páginas deste jornal) é proposto e ilustrado como o único caminho por sociólogos, economistas, filósofos, ambientalistas, expoentes do terceiro setor e assim por diante: a passagem do do velho ao homem novo, da sociedade consumista, egoísta e destrutiva à sociedade solidária, ecológica e evolutiva que para os eremitas é enraizada e originada por Deus criador de todo o Universo.

Isso não significa que a escolha do eremita, embora aberta a todos, seja uma escolha para todos. Em sua extrema simplicidade, pode-se até argumentar que se trata de uma escolha elitista. E, no entanto, tem em si a força emblemática de se apresentar como exemplo

do novo mundo. O “venha e veja” do Evangelho encontra uma exemplificação efetiva e imediata no eremita. Nele o observador externo, mesmo não crente, pode ver facilmente a humildade, a simplicidade e uma ligação sóbria com o ambiente associada à serenidade, plenitude de vida, abertura à escuta e, conseqüentemente, a uma hospitalidade que vive e amadurece na Palavra.

### O sinal da escuta

Nesta época de perplexidade, o sinal da escuta torna-se essencial e decisivo. E não se trata simplesmente de acolher quem tem algo a me dizer. Ouvir é, antes de tudo, a capacidade de se colocar em condições de perceber aqueles pedidos de ajuda subjugados que normalmente são ignorados e que aumentam a vasta gama de incompreendidos. Porque o mundo de hoje está cheio de incompreendidos (ou que se sentem incompreendidos): indivíduos e até povos inteiros. O próprio ambiente é incompreendido e não é por acaso que a conferência de Castelpetroso teve como tema “O sopro de Deus e a terra fizeram um jardim”: ambos sopros que podem ser percebidos e ouvidos apenas em um silêncio anacorético. O eremita, como o monge, é aquele que tenta viver a sabedoria da escuta

e captar, como Elias, o sopro da presença de Deus e junto com ele se torna capaz de captar o grito de socorro dos homens e os gritos infinitos e não reconhecidos que surgem do ambiente ao nosso redor. Ele escuta e acolhe quem bate à sua porta e se torna seu companheiro de viagem no encontro e no sofrimento.

Não há eremita, mesmo entre aqueles e aqueles que vivem no esconderijo da montanha, que não tenha, ao longo do tempo, tido que organizar sua vida de solidão e oração, oferecendo espaços para se dedicar ao acolhimento de pessoas que vêm mesmo de longe para confiar e compartilhar. Além disso, como se pode ver claramente na “Vida de Antônio” de Atanásio de Alexandria, a primeira e fundamental biografia de Santo Antônio Abade, pai de todos os eremitas, quando se acende uma luz na montanha, mesmo nas mais remotas regiões, pode-se pensar que em direção a essa luz não se ativa uma peregrinação de quem precisa de amor e esperança. Além disso, Santa Sinclética de Alexandria, uma das mães mais famosas do deserto, ensinou a moderação, enfatizando que o ascetismo e, portanto, a solidão nunca são um fim em si mesmos. O eremita, explicou, pretende purificar seu

coração buscando uma ascese contínua. O silêncio faz com que aprenda e experimente a arte cada vez mais difícil de não julgar e de fazer a verdade, com humildade e mansidão no próprio coração e, se solicitado, no coração dos outros. Como deve ser para todo batizado, portanto, ele se torna capaz, com o tempo, de mostrar em si mesmo a luz e a beleza que vem de Deus e que transforma a vida dos homens. Escuta, acolhe, irriga e transforma: “O sopro de Deus e da Terra fez um jardim”.

© Todos os direitos reservados